Solange Mittmann
Organizadora

Escritas, Escrituras e Excrituras

Análise do Discurso e Estudos de Gênero



Pedro & João editores

Solange Mittmann
(Organizadora)

Escritas, escrituras e excrituras
Análise do Discurso e Estudos de Gênero

Pedro & João
editores

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Solange Mittmann [Org.]

Escritas, escrituras e excrituras: Análise do Discurso e Estudos de Gênero.
São Carlos: Pedro & João Editores, 2026. 243p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-3089-4 [Digital]

1. Análise do Discurso. 2. Formação discursiva. 3. Questões de gênero. 4. Práticas feministas. 5. Autoria feminina. I. Título.

CDD – 410

Capa: Solange Mittmann com finalização técnica de Marcos Della Porta
Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB – 8-8828
Diagramação: Diany Akiko Lee
Editor: Valdemir Miotello
Diretores executivos: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:
Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).

Pedro & João Editores
www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 – São Carlos – SP
2026

Apresentação de um enlace de análises sobre escritas de questões de gênero

Solange Mittmann

Celebrando uma década do registro do Grupo de Pesquisa *Discurso, arquivo, autoria e questões de gênero* no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, realizado em março de 2016, esta obra traz algumas pesquisas recentes de integrantes do grupo. A diversidade de campos de atuação profissional e a integração entre docentes, egressas e discentes de doutorado, mestrado e graduação tem possibilitado ao grupo o apoio mútuo para o desenvolvimento do conhecimento, da leitura qualificada e da escrita comprometida com o campo de pesquisa. Assim têm sido as reuniões de discussão sobre Análise do Discurso materialista, Estudos de Gênero e objetos particulares de análise. Esta coletânea é uma pequena, mas significativa, amostra da qualidade das pesquisas desenvolvidas.

Nos últimos anos, o grupo de pesquisa tem se debruçado especialmente sobre questões de gênero, a partir da leitura coletiva de textos de Joan Scott, Silvia Federici, Oyèrónké Oyewùmí, María Lugones, Carol Hanisch, Gloria Anzaldúa, entre outras autoras. As leituras têm nos instigado a pensar sobre as formas de manifestação dessas questões por diferentes materialidades discursivas e também a articular noções da Análise do Discurso materialista (nosso lugar de formação inicial) em um recorte intrincadamente teórico-metodológico.

Na reflexão sobre as formas de manifestação e os modos de dizer as questões de gênero, teve papel importante o acionamento das noções de escrita e escritura a partir de Indursky (2009, p: 119):

> O que efetivamente interessa à análise do discurso é a materialidade discursiva do texto. [...] Sobre esta dupla face do

> texto podemos ainda afirmar que a organização do texto se faz sobre sua superfície linguística e diz respeito à escrita do texto. Já a textualização da exterioridade no interior do texto remete à materialidade discursiva e se refere a seu processo de escritura.

E do movimento da superfície escrita das materialidades ao processo de sua escritura, seguimos o dito de Anzaldúa (1981, p. 170): "there is no separation between life and writing"[1]. Para isso, trabalhamos no jogo entre o grito (*le cri*) que não se entende e a inscrição fora (excrição), ou seja, algo de excritura, como descreve Nancy (2013, p. 318):

> Écrivant, lisant, j'excris la chose même — l'«existence», le «réel» — qui n'*est* qu'excrite, et dont cet ê*tre* fait seul l'enjeu de l'inscription. En inscrivant des significations, on excrit la présence de ce qui se retire de toute signification, l'être même (vie, passion, matière...). L'être de l'existence n'est pas imprésentable: il se présente excrit.

Partindo, então, do arriscado desafio de analisar a escrita das questões de gênero pela perspectiva da historicidade, observamos as inscrições nas redes de sentidos das formações discursivas, a escritura como processo discursivo e a excritura como reconhecimento da não totalidade da construção referencial.

É assim que as reuniões de estudos têm propiciado debates sobre questões de gênero a partir dos princípios epistemológicos e teóricos da Análise do Discurso materialista em diálogo com Estudos de Gênero, a fim de prover aporte para análise de objetos de interesse de cada integrante do grupo. E na construção e análise de *corpora*, mobilizamos e torcemos conceitos, investimos na historicidade e no equívoco, observamos os embates travados entre

[1] não existe separação entre vida e escrita (na tradução brasileira, 2000, p.233).

contenção e escape de sentidos, e o abalo bidirecional entre memória e acontecimento.

A partir dessas leituras, discussões e embates com os objetos, foi se desenhando a proposta desta coletânea, que foca em diferentes questões sobre litígios e resistências, com o trabalho de descrição, interpretação e análise de diferentes produções discursivas — obra literária, filme de ficção, documentário, bordado, boneca, corset etc. — tomadas aqui como formas de escrita que indiciam escrituras e excrituras de questões de gênero.

Como se poderá ver nos parágrafos a seguir, cada participante desta obra contribui com seu objeto de investigação, articulando teoria e prática de análise, examinando atentamente a materialidade a fim de descrever os processos discursivos, ou seja, "les relations de paraphrase intérieures à ce que nous avons appelé la matrice du sens inhérente à la formation discursive"[2] (Pêcheux; Fuchs, 1975, p. 14). E o resultado é mais do que um caleidoscópio, pois se trata de enlace — o que se pode observar pelas referências bibliográficas que retornam — de abordagens e perspectivas sobre discurso, escritura, gênero e resistência.

No capítulo "Enunciados feministas de refutação: uma proposta de reflexão-bordação-análise", *Solange Mittmann* discute o discurso militante feminista de refutação de séries de enunciados do discurso patriarcal. E propõe como sistematização de trabalho o entrecruzamento de diferentes ângulos: o da confecção, o da sensorialidade, o da formulação, o da constituição e o da circulação. Para isso, parte da produção de duas peças em que bordou os enunciados verbais "A revolução será feminista ou não será" e "Nunca foi sem luta", e os enunciados imagéticos punho feminista e cactos em flor.

Em diálogo com o capítulo anterior, *Sabrina Franzoni*, em "Aproximações entre o bordado feminista e as bonecas Abayomi: o artesanal como forma de luta e resistência", promove um diálogo

[2] as relações de paráfrase interiores ao que chamamos a matriz do sentido inerente a formação discursiva (na tradução brasileira, 1990, p. 170).

entre duas materialidades distintas. A primeira, o texto de Solange Mittmann nesta mesma publicação (2026), sobre a bordação-análise, com uma reflexão discursiva sobre enunciados militantes feministas em forma de bordados, e a segunda, o Manifesto do Coletivo Abayomi Boneca Preta Brasileira (2020), que constrói um discurso de divergência sobre o lugar de origem da boneca, trazendo, em contrapartida, a artesã Lena Martins como criadora do artefato da cultura popular afro-brasileira.

No capítulo de *Roberta Rosa Portugal*, intitulado "O corset de Frida Kahlo: efeitos de sentido sobre comunismo", o objeto de análise é uma figura que mostra Frida Kahlo vestida com um corset, cujo desenho exibe um bebê e símbolos do comunismo. Em seu gesto de análise, a autora levanta a hipótese de que o corset aponta para a luta da classe trabalhadora e resulta da identificação do sujeito com uma posição ideológica comunista que permite simbolizar elementos do comunismo no corpo.

Renata Adriana de Souza, em "Crimes de Maio, violência de Estado e testemunho: disputas de sentido e resistência", discute a violência de Estado no Brasil a partir do documentário "Não saia hoje" (2016), de Susanna Lira, analisando os testemunhos de mães que perderam os filhos nos chamados Crimes de Maio e que integram o Movimento Independente Mães de Maio. Partindo do conceito de testemunho de resistência, mostra como os dizeres das mães rompem com narrativas oficiais e inscrevem a violência de Estado, enquanto aparelho repressivo e de herança escravagista, como prática historicamente direcionada a comunidades periféricas e de maioria negra.

Em "Silenciamento e resistência no texto literário feminista *uma mulher má* de Jarid Arraes", *Paula Daniele Pavan* analisa recortes verbais e imagéticos da publicação em formato de *reels*, no Instagram, do referido texto, que é parte da obra "Caminho para o grito" (2025), criação autobiográfica que dá forma material às violências vividas ao longo da vida da autora. Publicado sob um formato em que se conjugam imagem, texto, narração, som e movimento, o poema adquire contornos de circulação próprios do

digital e se apresenta como um manifesto, como uma injunção à luta pelo lugar de fala das mulheres. Com a análise, o capítulo aborda como o texto literário pode materializar a resistência aos processos históricos de silenciamento das mulheres.

Em "Quando escrevo, nem eu mesma sei quem sou: notas sobre uma escrita às margens", *Mônica Ferreira Cassana* discute o processo de escrita, tendo como ponto de partida o livro *As margens e o ditado: sobre os prazeres de ler e escrever*, da escritora Elena Ferrante. Em seu percurso, reflete sobre os pontos de contato e de distanciamento, no que tange à escrita literária e à escrita em Análise de Discurso, a partir da noção de margem, como uma constituição ideológica, que regula o que pode e deve ser dito.

A mesma obra de Elena Ferrante é tomada como objeto de estudo por *Valéria de Cássia Silveira Schwuchow* em seu capítulo "A excrita do c(r)omo(s)somos XX", desta vez para discutir que, na escrita de mulheres, o político se instaura como dimensão constitutiva e que dizer e escrever são atos frequentemente contornados por molduras formais de cunho masculino que nem sempre acolhem um modo de escrita feminina. Quando deslocadas dessa prescrição, as escritas de mulheres constituem outros modos de significar — tensionando regras, subvertendo padrões e instaurando novas possibilidades. É nesse movimento que se identifica a constituição de uma *excrita*, como uma prática discursiva que articula as condições de vida das mulheres à transformação das formas do escrever.

Em "Eu e o arquivo: uma excrita sobre o(s) armário(s)", *Ezequiel Nunes Pires* lê a insegurança, o risco e o armário como não-ditos que comparecem como condição de produção de um discurso voltado à visibilidade e ao orgulho LGBTQIAPN+. O armário é abordado como dispositivo de regulação que organiza o que pode ser dito e o que deve ser silenciado em torno da sexualidade, em um regime marcado pela vigilância, pela violência e pela norma heterossexual. O autor toma a campanha da Parada do Orgulho de Oslo/NO, intitulada Trygg (que pode ser traduzido como seguro, confiável) como corpus para analisar como o discurso do orgulho

se reinscreve na tensão entre o que pode ser dito e o que permanece no interdiscurso, como condição de possibilidade do dizer.

Flavia Azolin da Silva, no capítulo "E então os dragões dançaram: uma análise discursiva da reescritura feminina em *fanfics* da série *House of the Dragon*", analisa histórias escritas por fãs da série de televisão, que reescrevem o destino das personagens femininas da obra. A "Dança dos Dragões" é um conto importante no universo fictício de Westeros – continente onde se passam os eventos da saga literária "Crônicas de Gelo e Fogo", adaptados para a televisão com o título "Game of Thrones". A autora mobiliza os conceitos de escrita, escritura, reescrita e reescritura pensando a *fanfic* como possibilidade de desestabilização dos sentidos sobre mulher, trazendo rupturas e novas tecituras no efeito-texto.

Em "Fragmentos do ser: uma análise discursiva sobre as tensões do ser mulher no filme *Barbie* (2023)", *Aléxia Maria Lopes de Souza* investiga as relações de poder e as contradições impostas à identidade feminina na contemporaneidade, tomando como objeto fragmentos do filme. O monólogo da personagem Glória e a materialidade imagética do encontro entre as personagens Barbie Estereotipada e Barbie Estranha mostram o embate entre formações discursivas antagônicas: a da conquista feminista e a da permanência patriarcal. O gesto analítico consiste em examinar o funcionamento do "enunciado dividido" e de termos-pivô que sustentam as expectativas sociais contraditórias sobre o ser mulher.

Laura Lameira Ekman, em "*Os sete gatinhos* e o casamento: Silene diante da formação discursiva patriarcal", aborda, nesta obra de 1958 de Nelson Rodrigues, a personagem Silene, caçula e última virgem da família, sobre quem recaem todas as expectativas de um casamento de sucesso. Com a análise, a autora descreve uma formação discursiva patriarcal, que determina que uma mulher deve ter o casamento como o seu principal objetivo na vida e que ela deve se casar virgem. E aponta como Silene se desidentifica desse discurso, na direção de uma outra formação discursiva, enfatizando uma outra possibilidade de ser mulher.

No capítulo "Escrita de si feminina: discursos em litígio em *O Acontecimento*, de Annie Ernaux", *Brenda Bressanelli Marcon* tem como objeto de análise a escrita de si feminina como ferramenta que traz à tona assuntos velados, dando voz às experiências das mulheres. Por meio do relato de memórias, a obra reconstrói o momento da descoberta de uma gravidez indesejada e a experiência de um aborto. Destaca-se a inscrição do sujeito em uma formação discursiva de determinação sobre o próprio corpo, em oposição à formação discursiva patriarcal representada na história pela medicina e pela lei.

A historicidade do corpo feminino na narrativa literária também é objeto de estudo de *Marina Moreira Berao Rodrigues* em "O corpo em *A obscena senhora D*: a movimentação entre o feminino e o profano", que tem como objeto de estudo o livro da escritora paulista Hilda Hilst. O romance narra de forma não linear os pensamentos e lembranças de Hillé, também chamada de senhora D, que começa a viver no vão da escada de sua casa após a morte de seu marido. Na narrativa encontram-se diversas menções sobre o corpo de Hillé por parte dos vizinhos como um sinal de degradação e algo a ser escondido e demonizado, em discursos que fazem referência à loucura, à bruxaria e à indecência.

Esta breve descrição das abordagens realizadas sobre os diferentes objetos de estudo, por uma perspectiva discursiva materialista em conversa com os estudos de gênero, mostra o investimento do grupo de pesquisa sobre os acontecimentos, "au point de rencontre d'une actualité et d'une mémoire" [3] (Pêcheux, 1983, p. 305).

Se, como diz Scott (1986, p.1073), "to question or alter any aspect threatens the entire system[4]", a proposta de articulação entre Análise do Discurso e Estudos de Gênero para realizar investigações de escritas, escrituras e excrituras apresenta-se como

[3] no ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória (na tradução brasileira, 2008, p. 17)

[4] pôr em questão ou alterar qualquer de seus aspectos ameaça o sistema inteiro (na tradução brasileira,2017, p. 92)

uma ousadia em, no mínimo, questionar os pré-construídos do sistema patriarcal capitalista e desconfortar a estabilidade dos processos de significação já dados.

Assim, esperamos que esta coletânea encontre ressonância nas questões das leitoras e dos leitores e instigue novas investigações sobre questões de gênero, discursividades, escrita e temas próximos.

Referências

ANZALDÚA, Gloria. "Speaking in tongues: a letter to Third World women writers". In: MORAGA, Cherríe & ANZALDÚA, Gloria (orgs.). **This bridge called my back**: writings by radical women of color. New York: Kitchen Table, 1981, pp. 165-74. Tradução brasileira: Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Tradução de Édna de Marco. **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n. 1, p. 229, 2000.

INDURSKY, Freda. A escrita à luz da Análise do Discurso. In: CORTINA, Arnaldo & NASSER, Sílvia M. G. da C. (Orgs). **Sujeito e linguagem**. São Paulo, Cultura Acadêmica, 2009. pp.117-131.

NANCY, Jean-Luc. L'excrit. **ALEA**, Rio de Janeiro, v. 15/2, p. 312-320, 2013.

PÊCHEUX, Michel. Le discours: structure ou événément? (1983). In: PÊCHEUX, Michel. **L'inquétude du discours**. Paris: Éditions des cendres, 1990. Tradução brasileira: **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni P. Orlandi. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. Mises au point et perspectives à propôs de l'analyse automatique du discours. **Langages**, 9e année, n°37, 1975, pp. 7-80. Tradução brasileira: PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. Tradução de

Péricles Cunha. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. da Unicamp, 1990. p.163-252.

SCOTT, Joan W. Gender: a useful category of historical analysis. **The American Historical Review**, Vol. 91, No. 5. (Dec., 1986), pp. 1053-1075. Tradução brasileira: SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Trad. de Guacira Lopes Louro. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, 2017.